

NO TEMPO EM QUE OS JORNAIS PORTUGUESES TINHAM SUPLEMENTOS OU PAGINAS LITERARIAS

ARTUR ANSELMO

Universidade Nova de Lisboa
aa@fsh.unl.pt

À semelhança do que sucede com muitos outros intelectuais da sua geração, as primícias literárias de Arnaldo Saraiva passam pela página «Artes e Letras» do «Diário de Notícias», que Natércia Freire fundou em 1955 e dirigiu até 1974. Com efeito, a primeira colaboração do então jovem colegial Arnaldo Saraiva no matutino lisboeta foi publicada em 5 de Novembro de 1959: intitulava-se *A Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa ou dos poetas revelados depois de 1950* e consistia numa entrevista com Ernesto Manuel de Melo e Castro, organizador (juntamente com Maria Alberta Menéres) dessa cretostomatia poética editada pela Moraes, obra que era, ao tempo, uma espécie de 4.^a série das *Líricas Portuguesas* da Portugália Editora¹.

Pouco depois – em 7 de Janeiro de 1960 –, segunda colaboração de Arnaldo Saraiva na mesma página cultural: uma crónica intitulada «O *inferno dantesco* do mundo literário», cujo conteúdo merece atenção especial, como adiante se verá. A seguir – em 4 de Fevereiro de 1960 – é publicada a famosa entrevista de Arnaldo Saraiva a Fidelino de Figueiredo, com o seguinte título, extraído das declarações do mestre: «Só queria que se reconhecesse a minha vontade de pensar mais em humano do que em lusitano».

Os estudiosos da obra de Arnaldo Saraiva – felizmente, hoje, em número crescente – podem encontrar reproduzidas as duas entrevistas na obra *Encontros Des encontros*, editada no Porto, pela livraria Paisagem, em 1973. De uma delas – na qual retrata Fidelino – posso

¹ Recorde-se que Jorge de Sena dera à estampa em 1958 uma 3.^a série das *Líricas*, antologando poetas revelados até aos meados da década de 50.

dar testemunho do espanto que causou: sabia-se então mais da obra do pensador de *Entre dois Universos* do que acerca da sua vida particular. Doente, privado da fala mas mantendo toda a clarividência espiritual, Fidelino, escrevendo num bloco de papel, declarava ao seu jovem entrevistador: «Sou um montão de destroços com uma mioleira no alto».

Mas é o texto «O *inferno dantesco* do mundo literário» que, lido hoje, se me afirma da maior importância sociológica. Como Arnaldo Saraiva não o republicou em livro – por ventura por entender que correspondia a uma época excessivamente *datada* da vida intelectual portuguesa –, vale a pena resumir o essencial do seu conteúdo.

Arnaldo Saraiva começa por citar uma frase de Armando Palácio Valdés, em que este autor espanhol comparava o mundo literário, visto por dentro, a um «inferno dantesco» em que os literatos se assam uns aos outros, em lume brando, na sertã das suas vaidades. Transposta a metáfora para Portugal, verificava Arnaldo Saraiva que, ao contrário do que se passava então no Brasil e noutros países europeus, a nossa república das letras era das mais permeáveis ao sectarismo. E acrescentava:

...Quer-me parecer que, de há uns tempos para cá (precisamente desde os últimos anos da Monarquia), as coisas pioraram e têm piorado, diariamente, no que respeita ao bom entendimento ou às boas relações entre literatos. É evidente que o inferno dantesco, a que Armando Valdés se refere, não é de invenção ou criação recente. Ódios e intrigas sempre os houve, infelizmente, num meio que, tanto ou mais que o político, é por natureza favorável à sua criação e crescimento. Mas também é certo que, embora o não pareça, hoje os nossos homens de letras estão mais separados, afastados ou divididos do que no tempo de um Rui de Pina, de um João de Barros, ou de um Herculano e até de um Antero de Quental.

A seguir, Arnaldo Saraiva apontava dois autores portugueses a quem as hostilidades entre intelectuais desagradavam particularmente (António Quadros e Fidelino de Figueiredo) e atribuía a situação portuguesa à «diferença de posições no campo político ou religioso». Quem, como eu, assistiu às guerrilhas ideológicas que há meio século dividiam os intelectuais portugueses pelas razões mais frívolas e disparatadas, não pode deixar de concordar com a descrição que Arnaldo Saraiva então fazia da situação:

O republicano não suporta, nem literariamente, o monárquico – e vice-versa. O situacionista não lê com bons olhos o anti-situacionista – e ao contrário. O ateu não dá o devido apreço ao católico – e ao invés. O escritor não perde a menor oportunidade para se vingar do crítico que disse mal do seu livro – e o crítico não perdona e ressentente-se, forçosamente, da gracinha do autor. O poeta diz as piores da antologia em que não foi incluído ou em que não foi bem representado ou salientado. O candidato a um prémio apregoa aos quatro ventos que houve injustiça, parcialidade na atribuição desse prémio a outro (e o mais interessante é que, frequentemente, as há!). A publicação que se diz apenas «literária,

artística ou cultural» serve também apenas um partido e não aceita colaboração estritamente literária, artística ou cultural, de escritores de outra ideologia ou partido.

Havia exceções? Claro que sim: e Arnaldo Saraiva lembrava já então famosa resposta de Salazar a um jornalista estrangeiro acerca de Aquilino². Mas outra exceção poderia ser apontada, segundo Arnaldo Saraiva: a página literária do «Diário de Notícias», onde ele próprio começara a colaborar pouco antes. E sublinhava:

Que consolador não é ver que ainda há quem não confunde política e religião com literatura, e publica, lado a lado, como o fazia há dias, nomes de tão diversas ideologias como João Ameal, José Régio, Mário Beirão, José Rodrigues Miguéis, Luís Forjaz Trigueiros, Fernando Namora, Maria da Graça Freire, Pedro Homem de Melo, João Gaspar Simões, etc.! E que consolador é verificar também que alguns escritores não tem relutância em figurar ao lado dos outros!

Nas entrelinhas, o texto de Arnaldo Saraiva deixava subentender uma homenagem (justíssima, sem dúvida) a Natércia Freire, a quem a Literatura Portuguesa Contemporânea ficou a dever a organização, semana a semana, durante cerca de vinte anos, de uma das páginas literárias mais bem colaboradas de quantas existiram em Portugal.

O aparecimento das páginas ou suplementos literários nos jornais portugueses remonta ao século XIX e liga-se a outro tipo de publicações de aceitação generalizada entre os leitores, como era o caso das chamadas «ilustrações» e dos almanaques. Está por fazer uma recolha sistemática da colaboração literária em ilustrações e almanaques dos séculos XIX e XX; se algum dia vier a fazer-se, será possível verificar que a maior parte dos colaboradores dessas publicações era constituída por jornalistas e escritores cujos nomes surgem também nos números especiais dos jornais de expansão nacional (pelo Natal, pela Páscoa, por ocasião do aniversário do jornal) ou até em revistas e jornais de província.

Podemos dizer que a música, a literatura, as artes plásticas e as artes cénicas na sua vertente sociológica (na qual entram autores e leitores, distribuidores e livreiros, papelarias e tabacarias, estabelecimentos de ensino e associações recreativas, teatros, cineclubes, casas-do-povo, cafés e tabernas, tudo em confraternização com a letra impressa), foram tradicionalmente apoiadas pela imprensa escrita. Obviamente, tratando-se de um país onde, como dizia Fidelino de Figueiredo na entrevista a Arnaldo Saraiva, a literatura tinha «mais autores que leitores», as páginas e os suplementos literários nunca fizeram qualquer concorrência às revistas culturais, estas entendidas no sentido de publicações periódicas e

² Reproduziu-a o próprio Aquilino na badana anterior da 1.ª edição de *Quando os lobos uivam*, obra perseguida pela Justiça após o seu lançamento no mercado, em 1958: «Comece o seu inquérito por Aquilino. É um inimigo do regime. Dir-lhe-á mal de mim, mas não importa: é um grande escritor».

autónomas, acerca dos quais temos estudos tão autorizados como os que lhes dedicaram Clara Rocha, Fernando Guimarães ou Daniel Pires.

Encarando o assunto na perspectiva do historiador do livro, poderemos afirmar que, no caso da literatura, os suplementos e as páginas especiais eram a forma mais económica de estimular o gosto da leitura num público de fraco poder de compra: como os jornais (grandes e pequenos) sobreviviam à sua própria custa, uma página de colaboração literária, entre as 20 ou 30 do jornal, não custava rigorosamente nada em termos de obra tipográfica e só prestigiava o jornal, mesmo que a colaboração fosse paga, como acontecia nos matutinos lisboetas «Diário de Notícias» e «Diário da Manhã» e nos vespertinos «Diário de Lisboa» e «Diário Popular». Quanto aos jornais do Porto, todos tinham também as suas páginas literárias: a mais construída era indiscutivelmente a d'«O Comércio do Porto» (organizada por Costa Barreto³) mas a do «Jornal de Notícias» (da responsabilidade de António Ramos de Almeida) e a d'«O Primeiro de Janeiro» (dirigida por Jaime Brasil e, mais tarde, por Alberto de Serpa), embora com menor colaboração original de autores portugueses, tinham também lugar bem marcado na vida cultural. A este respeito, seja-me permitida uma evocação pessoal:

«Era no Porto, aí por meados da década de 50. Era no Porto, com epicentro na Ramada Alta: uma linha para baixo, Cedofeita e Cordoaria, até às aulas de Latim do Dr. Tito Livio; outra linha para cima, pela Constituição dos treinos de basquete com Armelindo Bentes, pelo Marquês das noites paradas do Verão (cinema do Terço, bandeira de férias longas) e daí para S. Lázaro, dez minutos de sol ou de chuva até ao «Alexandre Herculano» do Reitor Sena Esteves e do amável Cruz Malpique, sua bata branca de químico, sua brandura de pai e filósofo. Era no Porto de Yustrich, o futebol e a polémica, Barrigana e Carvalho no Salgueiros, Virgílio correndo pela direita, Pedroto e Monteiro da Costa a dar o jogo para a frente, onde Carlos Duarte, Gastão, Jaburu, Teixeira e Hernâni faziam os golos mais disciplinados da centúria. Era no Porto do Cineclub, animado por Alves Costa e Rebelo Bonito, com sessões matinais, ao domingo, no «Águia d'Ouro» e no «Batalha», olhos maravilhados no primeiro encontro com a Faina de Manuel de Oliveira, porque as coisas evidentes eram ainda as mais difíceis e saborosas. Era no Porto das cervejarias e dos bilhares, das Belas-Artes de Resende, dos livros usados de Guedes da Silva, das grandes causas adormecidas, dos grandes dramas judiciais, empréstimo literário a Sousa Costa, amigo do juiz António Ferreira, com casa à Rua Firmeza, onde conheci D. Flora, neta de Camilo. Era no Porto dos anos 50 como podia ser no Porto do século passado ou no Porto dos meus filhos. Aquela cidade, aquele frio, aquela luz aqueles amigos.

³ O primeiro número deste suplemento saiu em 13 de Novembro de 1951. Costa Barreto dirige-o até Maio de 1973, data do seu falecimento. *Cultura e Arte* (assim se intitulava) continuará ainda durante meia dúzia de anos, embora sem o fulgor do período em que o coordenou Costa Barreto. Dois artigos prestam justiça à memória deste escritor: no próprio suplemento, um de Ilídio Sardoeira (em 12 de Junho de 1973) e outro de Eduíno Borges Garcia (em 26 do mesmo mês e ano).

Um das escapadas na memória deixam-me ver melhor os objectos. Jornais, por exemplo, eram dois: um às quintas, comprado ao fim da manhã, quando vinha do liceu; outro às terças, de quinze em quinze dias, pão quente e madrugador nas mãos do ardina que saltava para o eléctrico em Serpa Pinto ou no cruzamento da Constituição com Antero de Quental. O das quintas era o «Diário de Notícias» e trazia a página de «Artes e letras»; o das terças era «O Comércio do Porto» e trazia o suplemento «Cultura e Arte». Miúdos, a meio caminho entre o carolo e a carambola, não direi que devorávamos todos os artigos das duas páginas literárias. Mas posso dizer que a nossa leitura, mesmo breve e raramente cúmplice, respondia a uma exigência bem definida de actualização, que os métodos vigentes do ensino da literatura deixavam sem resposta.

Está por fazer (é tão fácil de dizer que uma coisa «está por fazer»!) a história das páginas literárias portuguesas na década de 50. Elas vieram preencher, de certo modo, o vazio do folhetim de ficção (à maneira de Camilo ou Júlio César Machado) e do rodapé de crítica (ao estilo de Alfredo Pimenta ou João Gaspar Simões), para não falar dos jornais especializados que as «circunstâncias» não toleravam. Por comodidade, e porque o assunto tem pano para mangas, fico no lugar-comum: essas páginas – cujos exemplos mais apurados vamos encontrar, talvez, no «Diário de Notícias» e n’*O Comercio do Porto* – deram à cultura portuguesa o suplemento de alma que o nosso incipiente associativismo literário não era capaz de fornecer. Com esta nota particularmente significativa: partindo embora da iniciativa individual, polarizaram o interesse de numerosos escritores, fomentaram a troca de ideias e estimularam o aparecimento de novos valores. Mas, assim como não há espectáculo sem marcação de actores, também não é possível conceber uma página literária (no sentido mais completo da expressão) sem um animador de vontades, um catalisador de esforços e de sugestões: um realizador, enfim, apto a garantir, em paralelo, a liberdade crítica que apenas se encontra no pensamento mais amadurecido. Por tudo isto, ao falarmos de duas páginas com lugar bem marcado no panorama cultural português dos anos 50, 60 e 70 do século XX, justo é que lhes associemos imediatamente os nomes dos seus animadores: Natércia Freire (em Lisboa) e Costa Barreto (no Porto). Da obra deste malogrado escritor falam os três volumes de recolha da colaboração do suplemento «Cultura e Arte» que a seu tempo foram publicados, bem como os números que não chegaram a ser reunidos em volume, até à morte do orientador. Da obra de Natércia à frente da página literária do «Diário de Notícias», durante perto de vinte anos, não será fácil às novas gerações formarem um juízo, uma vez que, à excepção da colectânea monográfica *Os Lusíadas* que fomos, os *Lusíadas* que somos (com interpretações camonianas de artistas contemporâneos), não dispomos de obras de consulta».

Voltando ao tema da importância sociocultural das páginas e suplementos literários, lembrarei que, na primeira metade do século XX, a primeira manifestação concreta da influência dessas páginas na formação do gosto literário é dada pela publicação do «Suplemento Literário» do *Diário de Lisboa*. Com cabeçalho desenhado por Almada Negreiros,

nele colaboraram escritores e críticos como Fernando Pessoa, Aquilino Ribeiro, Mário Saá, João de Barros, Albino Forjaz Sampaio, Vitorino Nemésio, Diogo de Macedo, Roberto Nobre e outros. Mas a figura literária principal do suplemento foi, sem dúvida, João Gaspar Simões, o qual nestas colunas adquiriu a projecção que faria dele, mais tarde, uma espécie de Castilho da crítica literária portuguesa do século XX.

Curiosamente, alguns colaboradores dos suplementos literários dos jornais portugueses (cuja lista seria interminável, se lhe acrescentássemos os da imprensa regional⁴) estiveram presentes igualmente no mais importante – no ponto de vista da sua audiência de leitura – suplemento que se publicou, na língua portuguesa, nos meados do século XX: o «Suplemento Literário» do *Estado de São Paulo*. Mas esta é matéria que, pelo seu relevo, ficará para outra ocasião, pois disponho para isso de elementos preciosos, conservados no espólio de Adriano de Gusmão, o escritor que, em Portugal, fazia a ponte com os colaboradores lusos do Estadão.

Bibliografia

A Planície: Jornal quinzenal, dir. Miguel Nuno Moura.

CASTRO, Ernesto Manuel de Melo e MENÉRES, Maria Alberta (1962) – *Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa*. Lisboa: Moraes.

Coordenada. Cadernos de Convívio (1958-1959), red. António Cabral et al. Porto (s.n.).

«Diário da Manhã»

«Diário de Lisboa»

«Diário de Notícias»

«Diário Popular»

«Jornal de Notícias»

Líricas Portuguesas (1958), selecção, pref. e notas de Jorge de Sena. Lisboa: Portugalíia.

Líricas Portuguesas, 4.ª Série (1969) selecção, pref. e notas de António Ramos Rosa. Lisboa: Portugalíia.

«O Comércio do Porto»

«O Primeiro de Janeiro»

FIGUEIREDO, Fidelino de (1959) – *Entre dois Universos*. Lisboa: Guimarães Editores.

RIBEIRO, Aquilino (1958) – *Quando os lobos uivam*, 1.ª Edição. Lisboa: Bertrand.

SARAIVA, Arnaldo – «O inferno dantesco do mundo literário», 7 de Janeiro de 1960.

— «Só queria que se reconhecesse a minha vontade de pensar mais em humano do que em lusitano», 4 de Fevereiro de 1960.

— (1973) – *Encontros des encontros*. Porto: Paisagem.

⁴ Destaco, entre todos, *A Planície*, jornal alentejano de Moura, dirigido por Domingos Janeiro, para o qual o espírito dinâmico de Afonso Cautela levou uma equipa de jovens colaboradores verdadeiramente notável, alguns dos quais colaborariam mais tarde nos cadernos *Coordenada* (1958-59).